

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
DIRECTOR — Manuel da Silva Campos
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
ANO VI — Número 1.817
Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa — PORTUGAL
Sábado, 25 de Outubro de 1924
PREÇO — 30 CENTAVOS
TELEFONE — 5339-C
Officinas de impressão — Rua da Batalha, 111 e 113

UM MAU SERVIDOR DO REGIME

O sr. Barbosa Viana, com o recheio de que o tomam ainda por elemento dos radicais, todo se esgarça por prestar serviços à actual situação política. E, afinal, com o seu excesso de zelo, não faz senão compromettê-la.

Enquanto o governo procura até certo ponto fazer uma política de paz e de conciliação e senão até com a possibilidade dum entendimento entre conservadores e avançados, entre patrões e operários, entre republicanos e monarchicos, o sr. Barbosa Viana não está com meias medidas e entra-se ao operariado com uma violência e uma ferocidade cuja razão não se chega a perceber.

Constantemente se effectuam prisões sem nada que as justifique. Há presos incommunicaveis há 21 dias, contra o preceituado na própria Constituição. Prenderam-se os radicais, tendo-se urdido um processo de recamboloso; postos agora em liberdade, foram ficando os mais humildes dos presos — os pobres soldados. Effectuou-se a prisão de 11 jovens sindicalistas, apenas por estarem no tribunal da Boa-Hora na ocasião em que se effectuava o julgamento de Zeferino da Silva. Nomearam-se brigadas de policia para prender os autores dos últimos atentados dinamitistas, e isto quando se sabe que por esses atentados já se effectuaram prisões e já os captados foram postos em liberdade por a justiça nada ter averiguado contra elles.

Decididamente o sr. Barbosa Viana está prestando um fraco apoio ao governo, pois está contribuindo para irritar a massa do proletariado duma maneira estúpida e perfeitamente escusada. O melhor era o governo sossegar o homem, fazer-lhe constar que acreditava no seu conservantismo, que lhe perdoava as suas antigas predilecções radicais e outubristas, a ver se assim o suje to deixava de fazer as tolices que está fazendo e se não cria mais carrapatas à República.

Que lucra, afinal, o regime com estas provocações ao operariado? Não é o governo quem manda fazer isto, dir-nos hão. Mas o governo que de as suas instruções para prender um pouco mais curto quem, por estar tanto à solta, não faz senão atrair ódios e rancores, num momento em que tudo aconselhava que se evitasse o atear mais a fogueira das paixões.

Vamos naturalmente entrar num período de graves perturbações. Para que estar a excitar, pois, ainda mais essas perturbações? Como se fossem poucas já as causas da irritação que influem sobre os operários, sobretudo os mais jovens e mais facilmente suggestionáveis.

Pensar o governo que estará assim a ser muito bem defendido? Se o pensa assim, engana-se redondamente. O sr. Barbosa Viana para o governo não passar dum amigo dos diabos.

Nem para o petróleo

Que a vida está mais barata corre por aí à boca cheia. Mas nos orçamentos caméiros verifica-se que o que corre não passa dum boato.

Ainda ontem na sua secção habitual do *Correio da Manhã* o sr. J. David Airada frisava precisamente este facto. Apenas se verificou uma baixa sensível no preço do petróleo. Mas que importa essa baixa se quem trabalha não ganha nem para o petróleo?

CAMBÍOS

A *Epoca*, que anda empenhada em evitar que a libra desça, como o outro que queria que o sol parasse, vem com uma grande entrevista para provar que com a subida do câmbio só se prejudica a classe operária. Bem sabemos isso e não agradecemos sequer a informação; mas, quer fiquem prejudicados quer não, a classe operária que não foi a que influiu na alta nem na baixa da libra, o que não tem sucedido com as forças vivas que fugiram sempre ao pagamento do imposto, contribuindo para manter o equilíbrio orçamental.

ESTAMOS SCIENTES

Ontem, as *Novidades*, além de citar os «restos mortais do imortal Leão XIII», aludia à *Batalha* chamando-lhe inocente — tudo porque nós lhe fizemos notar que não há possibilidade de mistar o que não existe.

E como nós fôsemos inocentes, veio corromper-nos, revelando que há muitas maneiras das mães matarem os filhos antes d'elles nascerem.

Nunca esperámos que as *Novidades*, jornal tam sério e austero, viesse publicar «razo de acús» esses problemas íntimos que acs bons católicos não consentem que transpirem dos recatados conventos de freiras que fazem voto de castidade...

E' certo que a nossa inocência tem sido bastas vezes perturbada pelo facto alarmante de certas famílias católicas e ricas possuírem, em regra, uma prole reduzidíssima. Isso atribuíamos, porém, a uma mercê do Padre Eterno e não aos processos diabólicos a que o venerável jornal ontem aludia para mauchar a nossa ingenuidade.

Agradeçemos às *Novidades* a malthusiana lição que gratuitamente nos deu e vamos ensinar as massas laboriosas e descrentes o que o nosso piedoso colega nos ensinou, numa prosa apimentada de romance galante e discreto.

E nós que não sabíamos que as mães russas eram obrigadas pelos bolchevistas a ler as *Novidades* todas as noites ao deitar!

Pelos restos mortais do imortal Leão XIII — treze, número de Satanaz — não voltam as *Novidades* a indignar-se contra os processos que usam os seus leitores e leitoras que perderam a inocência na leitura da sua católica e elucidativa prosa!

Estamos scientes.

Salvo dum boléo

Há tempos, pessoa ou pessoas que ainda não resolveram sair do anonimato e do mistério, por razões de fácil justificação, tentaram largar fogo ao armazém regulador de Sintra. A tentativa frustrou-se, mas algumas pessoas que se ignoram, igualmente, espalharam que o fogo fora lançado pelo fiel do estabelecimento para destruir os vestígios dum desfalque.

Afinal, veio a apurar-se que não havia desfalque, e as suspeitas transitaram do fiel para os merceiros da terra.

Salvou-se assim a reputação do fiel que era o padre pensionista José Rodrigues Boléo que não conseguiu, contudo, momentaneamente, salvar-se dum formidável boléo — a injusta acusação que sobre elle impendia.

O Vaticano e a França

Lá se vai a embaixada da França no Vaticano. Entretanto já estão rotas as relações entre o Vaticano e o governo francês.

Por cá é o que se vê. Julgou-se que era dum interesse capital ter um representante na Santa Sé, como se já fosse pouca a despesa com a diplomacia.

Nem agora com os cortes orçamentais pensaram os republicanos em suprimir a legação do Vaticano, mesmo correndo-se o risco do dr. Augusto de Castro voltar a declarar-se monarchico, ou a vir oferecer os seus serviços à Moagem?

A circulação fiduciária nas colónias

Por conveniência de paginação publicamos na 3.ª página um artigo do dr. Da Cunha Dias, sobre a circulação fiduciária nas colónias.

Conferência Inter-sindical Gráfica de Lisboa

Reuniu a comissão organizadora, apreciando detalhadamente os trabalhos que serão presentes à conferência que, por motivo de dificuldades surgidas na saída do «Gráfico», fica adiada definitivamente para os dias 2 e 3 de Novembro próximo.

Tendo-se suscitado dúvidas sobre a inscrição nos boletins federais, dos suplentes dos quadros dos jornais e dos não sindicalizados, esta comissão torna público que devem ser inscritos todos os gráficos nessas condições, devendo observar-se essas inscrições nas respectivas notas.

A comissão apela para todos os camaradas, no sentido de preencherem os boletins até ao dia 29 do corrente, o máximo, a fim de poder coligir todos os elementos a apresentar na conferência.

De igual modo lembra a todos os delegados nomeados para comparecerem na sede federal na próxima quinta-feira, às 20,30, para receberem algumas instruções, bem como tomar conta dos exemplares do *Gráfico* em que tem publicadas as teses, a fim de terem tempo de as apreciar e sobre as mesmas tomar resoluções em acordo com o pessoal que representam.

Esta comissão reúne de novo na próxima segunda-feira, às 21 horas.

Agitação no Brasil?

NEW YORK, 24. — Dizem do Rio de Janeiro que há novas agitações revolucionárias no Brasil. — (R.)

AS PRISÕES ARBITRÁRIAS prosseguem sistemáticas e odiosas

Depois de escrito o nosso editorial acerca da maneira abusiva e revoltante como se estão effectuando prisões de operários: mais informes sobre o assunto nos foram facultados, que demonstram que esse editorial tem ainda maior razão do que nós supunhamos, quando o escrevemos.

Durante as audiências do julgamento de Zeferino da Silva, a policia, talvez para vingar dessa maneira torpe um colega cujos actos odiosos, levaram ao banco dos réus, prende a seu bel-prazer os indivíduos da sua antipatia.

Refere-se o editorial em questão, a prisão de onze operários, pois temos a acrescentar mais quatro delictos ontem na Boa Hora, entre elles os ferroviários Mário Castelhano e Manuel Henriques Rijo.

Não há um motivo, nem uma razão, aparente, sequer, que justifique a odiosa atitude da policia nestes últimos dias. Há apenas o sr. Barbosa Viana, com o seu imenso talento policial, a praticar infantaria que o governo não pode sanccionar.

A missão pacificadora da policia está-se vendo agora pelos seus actos provocadores, com as suas prisões arbitrárias que servem apenas para alarmar a opinião pública, para indignar e revoltar os temperamentos mais pacíficos.

O Secretariado da Assistência Jurídica do C. G. T., procurou ontem o ministro do Interior com quem trocou impressões acerca do caso e da prolongada incommunicabilidade que se está applicando a presos que nem culpa formada têm. Aquele ministro mandou chamar o director da P. S. E. com quem os representantes do Secretariado trataram do assunto.

O sr. Barbosa Viana prometeu ir occupar-se da situação dos presos incommunicaveis, e quanto às últimas prisões effectuadas na Boa Hora afirmou não se sentir da sua responsabilidade, mas sim da policia de segurança pública que os envia depois a P. S. E.

Tudo isto prova como os serviços policiaes estão sendo dirigidos, sem a menor noção das responsabilidades que certas atitudes implicam. As arbitrárias prisões — já em número de quinze — effectuadas na Boa Hora, e procedimentos para os presos que protestaram contra o desarmamento.

O DESARMAMENTO

O governo socialista da Dinamarca propõe-se a abolir o exército e a marinha.

Segundo noticias recebidas da Dinamarca sabe-se que o ministério socialista que está à testa do governo desta nação apresentou à assinatura régia um decreto abolindo o exército e a marinha.

As fábricas de material de guerra serão empregadas daqui para o futuro para fins simplesmente industriais e utilitários. O serviço das fronteiras será assegurado por um corpo de algumas centenas de voluntários. Os encargos com a defesa do país são assim diminuídos de 80 milhões de coroas para 10.

Eis um grande exemplo. Portugal, sem escolas, sem assistência pública, sem obras de fomento, inculto, e quasi à beira duma bancarrota, não perderia nada seguindo o mesmo caminho.

Enquanto uns trabalham excessivamente, outros vivem inúteis, incapazes de produzir, perfeitos parasitas da sociedade trabalhadora.

O tratado anglo-russo

LONDRES, 24. — Após violentos debates entre quasi todos os partidos políticos foi aprovado o tratado anglo-russo, não sem que alguns degladiadores políticos chegassem a ultrapassar os limites da pragmatística. — (L.)

Viação eléctrica

Uma linha entre a Avenida Almirante Reis e a Graça.

A Comissão Executiva da Câmara Municipal de Lisboa deferiu um requerimento da Companhia Carris de Ferro apresentando o projecto da nova linha de tracção eléctrica entre a Avenida Almirante Reis e a rua da Graça, bem como a duplicação da actual linha nesta última via pública.

Imprensa

Saio anteontem o primeiro número do novo diário *A Voz Pública*, que se apresenta como republicano independente.

O *Coliseu* é um jornal diário gratuito propriedade do Colissen dos Retiros de que já saíram dois números.

Nos primeiros dias de Novembro reaparece o diário da tarde *O Radical*.

Pela politica

Segundo nota officiosa, no conselho de ministros de ontem ficou resolvido extinguir o commissariado geral dos abastecimentos nos termos dum decreto cujas bases foram aprovadas e abreviar as formalidades no julgamento dos processos de liquidação de impostos e contribuições.

O conselho reúne novamente hoje para tratar da reorganização das Escolas Primárias Superiores e da Bolsa de Mercadorias.

Foi ontem assinado o decreto convocando o Congresso da república para 4 de novembro próximo.

A ACTUALIDADE NO ESTRANGEIRO

As consequências nefastas do plano Dawes

O plano Dawes que foi apresentado como uma obra de paz e de pacificação é afinal um plano de escravatura industrial a substituir o plano de escravatura militar no Ruhr. E' a servidão dos trabalhadores, não limitada a uma região, mas a toda a Alemanha.

Se este plano lesa os interesses de certos industriais franceses e alemães, no fim de contas são os trabalhadores de todos os países que sofrerão as nefastas consequências.

O plano Dawes foi estabelecido por capitalistas e tem como resultado immediato a fome do proletariado alemão. Para elucidarmos sobre este assunto os nossos leitores reproduzimos algumas passagens que acabamos de ver no «Bulletin da Nacional City Bank».

«Pelo que diz respeito à capacidade de pagamento da Alemanha, é evidente que isso dependerá da produção intensiva das indústrias e também da diminuição de consumo do povo alemão».

E' único Depreende-se pois que a Alemanha para pagar, precisa de produzir mais e de comer menos. Os trabalhadores terão um trabalho mais intenso e em compensação a metade da ração habitual. Que cinismo!

Mas há mais. «O governo alemão procurará por todos os meios fazer o necessário para que seja applicado o dia de dez horas de trabalho».

Eis em poucas palavras em que consiste o plano Dawes, ou melhor o que reclamam os imperialistas americanos. Que filantropia e que honradez, não acham?

Conferência ferroviária internacional

Informam de Berne que se effectuára nesta cidade, nos começos de Novembro, uma conferência internacional de caminhos de ferro, em que serão representadas, companhias francesas, italianas, alemãs, húngaras e suíças e com o fim de examinar a applicação dum travão continuo aos serviços ferroviários internacionais.

Social Imperialismo

Pelo que vemos no *Daily Herald*, J. H. Thomas é o prototipo do socialista-traidor, do socialista-opportunista que acaba por ser um ferrenho imperialista.

Segundo noticias chegadas de Inglaterra este senhor condenou sob todos os pontos de vista a propaganda antimilitarista organizada pelo partido trabalhador no jornal *Workers Weekly*. Thomas declarou que «as tentativas para levar os soldados à insubordinação e não aceitarem as ordens dos seus superiores, não devem ser permitidas».

A' medida que a campanha segue avanço, os chefes trabalhistas mostram bem os seus maneios reaccionários.

No que diz respeito ao conflito de Mossoul, Thomas descobriu então completamente as suas ideias imperialistas.

O proletariado britânico deve ter apreendido com todas estas lições, que a opressão do capitalismo imperialista se faz sentir sob todas as máscaras e que só com elle próprio deve contar.

Que isto sirva de lição às nossas massas trabalhadoras e que ellas se compenhem de que só as suas forças e a sua acção são capazes de salvar.

Quando as mulheres dão à lingua

Os nossos leitores conhecem a paciência proverbial dos japoneses. Tem visto com toda a certeza esses objectos minúsculos que servem para fecho das malhinhas para senhoras, artigos de folha enfileirada, tão microscópicos que parecem objectos de uso comum para moscas ou formigas. Pois bem todos estes feitos pela indústria japonesa.

Ora acabamos de ter conhecimento em Tóquio, a companhia telefónica, dedicou-se a um minucioso exame que deu como resultado o vir a saber-se que o atraso nas ligações é causada exclusivamente pelas mulheres, a facilidade com que ellas desperdiçam o tempo em assuntos de pouca importância que levam horas a ser debatidos por telefone.

E como os japoneses nada dizem sem que possam provar-o, fizeram uma estatística que deu os resultados seguintes:

Quando uma mulher fala com outra mulher, 24,4 do tempo são empregados em inutilidades; quando uma mulher fala com um homem esse algarismo passa a 13,8. Os homens quando conversam entre si ainda perdem tempo na elevada percentagem de 10,6.

Ora aqui está com certeza a razão porque o serviço da nossa via telefónica funciona tão mal. E nós todos que somos assinantes ainda não tínhamos descoberto uma coisa tão simples!

Trabalhadores: Cede a BATALHA

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e de Solidariedade

Consultas no Porto

Em virtude de ter de tomar parte como advogado num julgamento em Silves, fica transferida a consulta do dr. Campos Lima, que devia effectuar-se hoje na União dos Sindicatos do Pórcu, para quarta-feira à hora do costume.

As prisões arbitrárias que se estão effectuando são um péssimo serviço que o sr. Barbosa Viana está prestando à república

NA BOA HORA o julgamento de Zeferino da Silva continuará hoje

Na policia ninguém sabe quem matou Guilherme Lima
Um brilhante discurso do advogado dr. Sobral de Campos

Continuou ontem, na Boa Hora, o julgamento de Zeferino da Silva. Um dos jurados faltou enviando, em seu lugar, um atestado medico. O juiz dr. Camossa Pinto não se deu por convenido com o atestado, e mandou chamar um automóvel e dois medicos. Porém, quando se preparava para ir a casa do jurado, este que é o sr. Delgado, empregado superior da Companhia de Seguros «A Equitativa» appareceu no tribunal, alegando que já estava melhor, e podia fazer parte do júri.

Isto aconteceu e a audiência começou, passando a ser ouvida a primeira testemunha, tenente Alípio de Mendonça, ajudante do sr. Carrão de Oliveira, quando este era comandante da policia.

O sr. Alípio de Mendonça declarou ter assistido à prisão de Guilherme Lima. Isto aconteceu e a audiência começou, passando a ser ouvida a primeira testemunha, tenente Alípio de Mendonça, ajudante do sr. Carrão de Oliveira, quando este era comandante da policia.

O sr. Alípio de Mendonça declarou ter assistido à prisão de Guilherme Lima. Isto aconteceu e a audiência começou, passando a ser ouvida a primeira testemunha, tenente Alípio de Mendonça, ajudante do sr. Carrão de Oliveira, quando este era comandante da policia.

O sr. Alípio de Mendonça declarou ter assistido à prisão de Guilherme Lima. Isto aconteceu e a audiência começou, passando a ser ouvida a primeira testemunha, tenente Alípio de Mendonça, ajudante do sr. Carrão de Oliveira, quando este era comandante da policia.

O sr. Alípio de Mendonça declarou ter assistido à prisão de Guilherme Lima. Isto aconteceu e a audiência começou, passando a ser ouvida a primeira testemunha, tenente Alípio de Mendonça, ajudante do sr. Carrão de Oliveira, quando este era comandante da policia.

O sr. Alípio de Mendonça declarou ter assistido à prisão de Guilherme Lima. Isto aconteceu e a audiência começou, passando a ser ouvida a primeira testemunha, tenente Alípio de Mendonça, ajudante do sr. Carrão de Oliveira, quando este era comandante da policia.

O sr. Alípio de Mendonça declarou ter assistido à prisão de Guilherme Lima. Isto aconteceu e a audiência começou, passando a ser ouvida a primeira testemunha, tenente Alípio de Mendonça, ajudante do sr. Carrão de Oliveira, quando este era comandante da policia.

O sr. Alípio de Mendonça declarou ter assistido à prisão de Guilherme Lima. Isto aconteceu e a audiência começou, passando a ser ouvida a primeira testemunha, tenente Alípio de Mendonça, ajudante do sr. Carrão de Oliveira, quando este era comandante da policia.

O sr. Alípio de Mendonça declarou ter assistido à prisão de Guilherme Lima. Isto aconteceu e a audiência começou, passando a ser ouvida a primeira testemunha, tenente Alípio de Mendonça, ajudante do sr. Carrão de Oliveira, quando este era comandante da policia.

O sr. Alípio de Mendonça declarou ter assistido à prisão de Guilherme Lima. Isto aconteceu e a audiência começou, passando a ser ouvida a primeira testemunha, tenente Alípio de Mendonça, ajudante do sr. Carrão de Oliveira, quando este era comandante da policia.

O sr. Alípio de Mendonça declarou ter assistido à prisão de Guilherme Lima. Isto aconteceu e a audiência começou, passando a ser ouvida a primeira testemunha, tenente Alípio de Mendonça, ajudante do sr. Carrão de Oliveira, quando este era comandante da policia.

O sr. Alípio de Mendonça declarou ter assistido à prisão de Guilherme Lima. Isto aconteceu e a audiência começou, passando a ser ouvida a primeira testemunha, tenente Alípio de Mendonça, ajudante do sr. Carrão de Oliveira, quando este era comandante da policia.

O sr. Alípio de Mendonça declarou ter assistido à prisão de Guilherme Lima. Isto aconteceu e a audiência começou, passando a ser ouvida a primeira testemunha, tenente Alípio de Mendonça, ajudante do sr. Carrão de Oliveira, quando este era comandante da policia.

O sr. Alípio de Mendonça declarou ter assistido à prisão de Guilherme Lima. Isto aconteceu e a audiência começou, passando a ser ouvida a primeira testemunha, tenente Alípio de Mendonça, ajudante do sr. Carrão de Oliveira, quando este era comandante da policia.

—Desanimado, não... desolado...
—Como lhe perguntassem se tinha examinado a pistola de Zeferino replicou negativamente.

O dr. Sobral de Campos:
—Não é verdade que o desânimo de Zeferino da Silva vinha do facto de correr, no governo civil, que fora elle o autor da morte de Guilherme Lima?

—Exactamente.
Dr. Sobral de Campos:
—Não foi portanto a *Batalha*, como se pretende insinuar, quem primeiro fez a accusação. Digam-me, sr. Berto Ferreira, viu attribuir a mais alguma a morte de Guilherme Lima?

—Não senhor.
—E' curioso que ninguém tivesse ouvido.

A audiência foi suspensa, reabrindo quinze minutos depois. Procede-se à leitura dos depoimentos das testemunhas que não puderam comparecer. A seguir, iniciam-se os debates. O delegado do ministério publico declara que não vai accusar nem defender o réu. Limitar-se há a recordar aos jurados o que se passou durante o julgamento para lhes permitir que, sem paixão e com imparcialidade, se possam pronunciar.

Aponta a circunstância do réu ter negado terminantemente o delicto. Refere-se no depoimento de Anibal Cruz para afirmar que está em contradicção com o exame medico legal. Neste verifica-se que o tiro entrou pelo rosto enquanto a primeira testemunha declara que ela penetrou pela nuca. A segunda testemunha está em contradicção com a primeira, pois sustenta que Guilherme Lima foi alvejado pelo rosto. Passa rapidamente, em análise do depoimento das testemunhas, terminando por estabelecer uma hipótese na seguinte pergunta: «Se não foi o Zeferino, nem o Almeida, nem o Carrão de Oliveira, quem matou, então, Guilherme Lima?»

Fala o dr. Sobral de Campos
«Nunca fiz uma accusação através da minha vida de advogado...»

E' dada a palavra à accusação particular. O dr. Sobral de Campos inicia o seu discurso:

«Que estranha posição é esta em que hoje me encontro neste tribunal? Quem sou? Que treva vai no meu espirito. Sou o mesmo homem, que pela vida fora tem tido o esticismo de ter ideias? Estranha situação esta. Eu, que a porta da Universidade declarei, que ao largar a vida desculso de estudante para entrar na vida pratica, que jamais me serviria da minha profissão para accusar alguém, sou aqui um accusador. Tenho cumprido, através de tudo, há 14 anos, a declaração que fiz com a minha modestia generosa de fé e pensamento, a dilatar-me a pupila azul. Esta toga já nem me parece a mesma».

Acaso a moral combalida que a sociedade atravessa, depois da guerra, me contagiou? Transformei-me?

O dr. Sobral de Campos faz a sua profissão de fé. Sempre tem atacado o regime prisional; sempre escreveu contra o mal tenebroso da vida das prisões. Não há criminosos que mereçam castigo, há doentes que é necessário curar. E' que sempre preconizou um mundo novo, de paz e de amor, guiado por um ideal superior anda horrorizado pela onda de sangue que avassalou a actual sociedade. Nenhuma sociedade tem o direito de condenar a violência desde que ella recorra à violência e cometa crimes. E quantos crimes esta sociedade tem praticado?

Fala-se a todo o momento, recorda-se a todo o momento os crimes de 19 de outubro. Porque não se fala do mesmo modo da Leva da Morte? Acaso esses crimes não são revestidos de uma feroz crueldade, não inspiram o mesmo horror? Porquê? Parece-lhe que não os absolva o facto de terem sido praticados pela policia.

A sinistra poça de sangue de Silves...—O calvário sangrento dos Olivais

O sr. Barbosa falou nos crimes dos dinamitistas, esquecendo-se, e lamentavelmente, dos crimes da força pública. Evoca o caso de Silves. Disparou-se contra uma multidão de famílias; disparou-se sobre crianças inocentes, sobre mulheres indefesas, sobre homens que só tinham cometido um delicto: irem com suas mulheres a uma estação de caminho de ferro buscar os seus filhos. O caso de Silves é uma crueldade inítil e uma cobardia trágica — uma poça de sangue sinistra.

Há outra tragédia, outro crime da força pública que quer recordar. Os Olivais foram outro Calvário, outro Golgotha. Agrediram-se homens depois de presos. Com os crânios quasi fadados, os queixos quebrados, cheios de feridas, de mutilações, de sangue, conduziram-nos para um olival. Não eram homens, eram já fragmentos de homens que percorriam o Calvário, que iam para o madeiro em que crucificaram Cristo. E fuzilaram-se esses fragmentos de homens, num país que abolia a pena de morte! Que poema de dolor alucinado que horror! Que selvageria! E eles morreram sagrados pelo martírio.

Acetou aquele lugar para poder clamar: basta de tanto crime!

—Defensor interveio, a corrigir:

O BOLO-RIE

o mais saboroso e com
brindes admiráveis
é o que se fabrica -

TODAS AS NOITES

NO EDEN TEATRO

Telef. N. 3800

Vida Sindical

U. S. O.

Reunião do conselho de delegados estando presentes os seguintes sindicatos: Metalúrgicos, Manufatureiros de Calçado, Caixeiros, Escritórios, Compositores, Alfaiates, Município, Empregados Menores do Comércio e Indústria, Construção Civil, Encadernadores, Corticeiros de Belem, Cortadores e Barbeiros.

Presidência do delegado dos compositores, secretariado pelos delegados dos escritórios e encadernadores. Antes da ordem dos trabalhos foi nomeado um delegado à sessão do aniversário da "Voz do Operário", tendo recaído a escolha no secretário geral. Lido um ofício do pessoal do Município pedindo um delegado para uma sessão de propaganda pró-reorganização do respectivo sindicato que causou acalorada discussão devido ao pessoal do Madoiro. Foi resolvido o caso com a seguinte moção de ordem:

"Considerando que o assunto a resolver sobre a situação em que se devem colocar os operários magarefes está pendente da reunião marcada com a comissão administrativa e a Associação dos Operários do Município e comissão organizadora do Sindicato dos Trabalhadores em carne verde, resolve aguardar essa reunião e segue na ordem dos trabalhos."

Os delegados da União que acompanharam o movimento grevista dos empregados de hotéis e restaurantes leram o seu relatório que ficou para ser discutido em ocasião mais oportuna. Resolveu-se também convocar a uma reunião os vogais do tribunal dos acidentes de trabalho.

Entrando-se na ordem dos trabalhos foi presente o balancete de receita e despesa da Conferência Inter-Sindical, que acusa um "déficit" de 431\$70, sendo aprovado.

Leitura-se depois a discussão, na generalidade, do projecto de estatutos da Câmara e Juntas Sindicais, que origina uma prolongada e animada polémica, devido à seguinte proposta:

"Propomos, em nome do nosso sindicato, que o projecto de estatutos da câmara sindical seja transformado em tese para ser discutido nesta União, e depois no Congresso Nacional Operário."

Na discussão, que decorreu calorosa em defesa dos pontos sindicais, tomaram parte todos os delegados, sendo por último aprovada a seguinte moção dos delegados dos manufatureiros de calçado, por 11 votos contra 2:

"Considerando que o Conselho de delegados da U. S. O. tem que acatar as resoluções da Conferência Inter-Sindical; Considerando que essa conferência resolveu que esta União tem capacidade suficiente para remodelar a sua estrutura orgânica, resolve:

1.º Acatar as deliberações dessa conferência.
2.º Discutir as bases da modificação da actual estrutura orgânica, e portanto apreciar o actual projecto de estatutos com ampla liberdade para a sua acção ou modificação, consoante o espírito da organização operária e ainda das determinações dessa conferência."

Em virtude da hora avançada, foi encerrada a sessão, ficando marcada, para continuação dos trabalhos, nova reunião para terça-feira, 28, pelas 21 horas.

E' indispensável a comparencia dos delegados à hora indicada, para boa regularidade dos trabalhos.

COMUNICAÇÕES

Federação dos Trabalhadores Rurais — Comissão Administrativa — Apreciação vário expediente a que resolveu dar despacho. Atende o pedido de um delegado para o aniversário do Sindicato dos Rurais de Vale de Vargem, apreciação a crise que a classe rural está atravessando com a falta de trabalho, pelo que resolveu pedir por este meio informações aos sindicatos aderentes que notifique a Federação quais as condições dos rurais das suas regiões e bem assim, descrever as causas da mesma crise, para ser apreciada no próximo conselho federal.

Conselho Corticeira. — Reunião do Conselho Federal para se ocupar da grave crise que a classe está atravessando, sendo-lhe comunicado que o sindicato de Belem havia resolvido indicar a Federação a necessidade de tratar do momento assunto.

O delegado do Conselho Confederado comunicou que este organismo, apreciando na sua última reunião a crise que está atravessando as classes trabalhadoras, resolveu elaborar um estudo pelas indicações do qual deve nortear-se todo o proletariado, tendo nomeado para isso uma comissão que deve apresentar os seus trabalhos em curto prazo de tempo.

Levantou-se acalorada discussão entre os delegados à Federação por quem entendem que deve aguardar-se o estudo da C. G. T. e outros o contrário, devendo reunir o Conselho Federal novamente para resolver em definitivo.

CONVOCAÇÕES

Manufatureiros de Calçado. — Reunião hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral para apreciar os trabalhos pendentes da última assembleia e apreciar a tese sobre a acção perniciosos dos obreiros na indústria.

Chaufeurs do Sul. — A comissão de defesa e melhoramentos convoca os "chaufeurs" da Aliança a reunir hoje, pelas 21 horas, na sede do sindicato.

Sindicato Unico Metalúrgico. — Sessão sindicais do Alto do Pinheiro. — Convém-se os antigos compositores da comissão pró-Casa do Povo a comparecerem amanhã, domingo, pelas 17 horas, na sua sede.

SINDICATOS

DA PROVÍNCIA

Sindicato Gráfico de Coimbra. — Reunião a classe gráfica em assembleia magna, sendo lidos os ofícios do Comité Inter-Federal do Norte, participando a realização de uma conferência gráfica no mês de Novembro e para que o Sindicato se fizesse representante.

Foi lido o relatório e balancete da comissão organizadora, acusando um saldo de 141\$30, sendo aprovado. Para a comissão administrativa foram nomeados: António Ferreira e Silva Júnior, secretário geral; Pedro da As-

O congresso marítimo

prolongará as suas sessões até apreciar todos os seus trabalhos

AVEIRO, 24.—Na sessão da tarde de ontem, usaram da palavra, entre outros o relator, da tese, Manuel Rodrigues e Silvino Noronha, que apresenta a seguinte moção de ordem:

"O Congresso aceita como boa e consentânea a primeira conclusão da tese, continuando a respeitar-se como até hoje as diferentes especialidades — o segue na ordem dos trabalhos."

Os delegados dos descarregadores de terra e mar de Lisboa propõem para que, aprovado o n.º 1.º da tese, mas reconhecendo-se que se não pode levar à prática a fusão desejada, o Congresso desde já reconheça o sindicato do Pessoal do Tráfego do Porto de Lisboa, como classe federada até a comissão dar o seu parecer e o conselho federal resolver em definitivo.

Inácio Teixeira Bastos, propõe que ao 1.º n.º da tese em referência seja acrescentado o seguinte § 1.º: "Considerando-se descarregadores de embarcações todos aqueles que contribuem para o carregamento ou descarga da referida embarcação."

Manuel da Costa Alves, de Alcochete defende os pontos de vista do seu sindicato, e citando vários casos passados, conclui que não é viável o sindicato único, mesmo de indústria. E' também lembrado que não tiraram à sua classe os serviços da Companhia do Cais, em consequência dum contrato feito num tabelião.

José Joaquim Branco informa que o dito acordo caduca neste congresso. Julio da Anunciação replica, com energia, ao delegado dos descarregadores do Porto de Lisboa, declarando que a sua classe apenas deseja o bem estar da Humanidade.

Por fim, é aprovada a conclusão n.º 1.º, passando-se à discussão do n.º 2.º.

Celestino Ventura envia para a mesa um extenso documento que termina: "1.º—Que nenhuma classe ou indivíduo desempenhe as atribuições de conferente marítimo de cargas e descargas, a não ser os já reconhecidos e filiados no respectivo organismo sindical; 2.º—Que todos os sindicatos veiem pela observância desta resolução, de modo que a mesma seja efectuada em toda a sua amplitude, prestando a maior solidariedade à classe dos conferentes marítimos;

3.º—Que a futura Federação ponha em prática os trabalhos necessários à não continuação de involuntária atribuições prescritas neste relatório e propostas."

Julio da Anunciação defende mais uma vez o critério do seu sindicato, afirmando que é feita prejudicada com a doutrina do documento exposto. Joaquim Lourenço Pinto justifica e submete à sanção do Congresso a seguinte substituição:

"Que todas as conferências de cargas e descargas transportadas ou a transportadas pela via marítima de longo curso e cabotagem, quer em navios, quer em batelões, seja feita por conferentes sindicados federados e confederados; e como área para execução das referidas conferências compreende-se: a) Em Lisboa, dentro das duas margens do rio Tejo, e ainda em outras localidades onde costumam fazer serviço; b) No Porto, dentro e nas duas margens do rio Douro, no porto de Leixões e outras localidades onde costumam fazer serviço."

Este documento é aprovado com o acrescento de "mediadores técnicos". Eduardo Aguiar concorda com o nono artigo com a condição, porém, de que os indivíduos que exerçam serviços de conferência, passem para o respectivo sindicato dos conferentes.

João Teixeira dos Santos declara que os oficiais que fazem serviço de conferência, o que muito prejudica os conferentes do rio Douro. Entende, pois, que a emenda ao artigo 2.º é muito justa.

António José da Cunha esclarece que a sua classe não elvidiu a situação dos camaradas que presentemente se empregam no caixão. O que julga, no entanto, é que deverão ser admitidos os que já trabalhavam nesse serviço até à conferência inter-sindical marítima.

Mantas Massano, em nome dos oficiais da marinha mercante, apóia com entusiasmo a proposta dos fluviais do Porto, visto que foi sempre vontade dos oficiais da marinha mercante não fazerem serviço de conferência: não é essa a sua missão. Em virtude de no Porto agora a Liga dos Oficiais de Marinha Mercante ter a sua filial, está certo de que as dúvidas que João Teixeira dos Santos aponta passam a ser completamente desfeitas. O orador é saudado pela clara exposição feita ao Congresso.

Manuel Rodrigues considera que a atitude dos conferentes aceitando os descarregadores que fizeram o serviço de marcação e pesagem até à conferência marítima de Lisboa no seu sindicato, não é coerente com a necessidade de conseguir trabalho para os seus componentes, como alegavam, mas apenas a intenção de elevar o número dos seus sindicatos.

António Cunha, dos conferentes, rebate as afirmações de Manuel Rodrigues.

Julio da Anunciação volta a fazer uso da palavra para dizer que tem o direito de perguntar em que situação ficam os que se vêm empregando nestes serviços, pois no seu sindicato tem um homem já velho. Pergunta ainda se os que mudaram para os conferentes tem de pagar joia.

Ainda o conflito com a classe dos pescadores

José António da Cunha responde negativamente, nada pagando em con-

sequência de ser uma simples permuta. João Teixeira dos Santos é de opinião que nos trabalhos de empreitada os patrões e os empregados devem pôr cada um por seu lado um conferente.

Resolvido o n.º 2.º, José de Almeida pede ao relator várias explicações acerca do n.º 3.º, estabelecendo-se entre os dois, em que intervieram diferentes congressistas, prolongada discussão.

Manuel Rodrigues e Julio da Anunciação propõem para que, em vista da aprovação do art. 2.º da tese "Atribuições profissionais" todos os descarregadores velhos e novos que até à data da conferência inter-sindical marítima exerciam a especialidade de pesagem ou marcação de carvão, entrem para o Sindicato dos Conferentes Marítimos, sem pagamento de joia e com os direitos dos sócios já existentes.

José de Almeida, entre outras considerações, afirma que os marítimos de longo curso querem empalmar os outros trabalhadores. Estas frases provocam certa agitação, que se prolonga por algum tempo.

Francisco Veríssimo lê a proposta da discussão, que toma, por vezes, aspectos interessantes, a lei que se refere à navegação.

Alves da Silva declara que as fragatas no rio Douro são navegadas por fragateiros que se deslocam até Viana, etc. A ser aprovada a tese tal qual se encontra era a maior das desgraças para a sua classe. Termina defendendo, com energia, os interesses da sua classe.

António da Conceição, dos rebocadores e gózzinas, apresenta uma moção, que é rejeitada.

Manuel Magalhães Carvalho ataca com violência as considerações feitas por Silvino Noronha, defendendo-se este, sereno, mas energicamente.

Manuel Pedro, de Portimão, é de parecer que o n.º 3.º deve ser eliminado, expondo os motivos por que isso deve ser assim.

Aprovada a eliminação do n.º 3.º, José de Almeida e António de Oliveira Paiva apresentam também sobre o assunto dois documentos, que ficam reprovados.

Eduardo Aguiar pergunta em que situação ficam os carpinteiros de longo curso.

Luis Pereira, construtor naval, responde que passam para o Sindicato da Construção Naval, ficando a ser os primeiros para embarcar.

Francisco Luis Veríssimo propõe para que não possam ir para o mar todos os navios de vela de 300 toneladas, sem que levem um carpinteiro naval, a fim de evitar os constantes desastres que se estão dando.

Luis Augusto Pereira, dos carpinteiros navais de Lisboa, propõe também para que a execução de facturas de navios, reparações e mais trabalhos industriais desta indústria, bem como o embarque como carpinteiro a bordo dos navios de longo curso e cabotagem, sejam somente adstritos aos operários da construção naval."

Manuel Marques deseja saber em que condições foram fusão dos sindicatos dos carpinteiros navais e de longo curso.

Eduardo Aguiar elucida de que foi com a condição de embarcarem primeiro os de longo curso.

António Brás pretende que fiquem bem claramente expressas na tese as atribuições de cada um, porque há carpinteiros que, nuca tendo embarcado, ficam agora com a faculdade de o fazer, em prejuízo dos de longo curso. Sendo assim, apresenta um aditamento para que se respeite, todavia, a secção dos carpinteiros de longo curso.

Estabelece-se, nesta altura, um vivo diálogo entre António Brás, Eduardo Aguiar, Laberca e vários outros congressistas.

Abílio Rodrigues de Campos, dos estivadores de Lisboa, requer, em nome da sua classe, para que a sessão seja prolongada até às 0,30 horas, havendo, no intervalo para a refeição — em consequência de ser preciso adiantar-se os trabalhos do Congresso.

Mantas Massano achava desnecessária a doutrina do requerimento, se todos os congressistas, em vez de dia perderem o tempo com discussões estérteis, o aproveitavam melhor. Não faz sentido, pois, que se queira trabalhar de noite, quando nas sessões ordinárias se desperdiçam as horas em que estão de lancha caprina.

Após se estabelecer uma certa confusão e de serenarem os ânimos, o requerimento supramencionado é aprovado, em votação nominal, por 27 votos contra 11, havendo uma abstenção.

Le-se a seguir um telegrama dos pescadores de Lisboa, quiza de Alfredo Mendes, pronunciando-se o Congresso hostilmente, como na sessão anterior, a quando da leitura de um outro telegrama da mesma precedência. Quer dizer o Congresso está pronto a entrar em demarções conciliatórias com os pescadores, desejando que estes reconheçam e entrem para o seio da Federação, mas repudia intransigentemente o referido Alfredo Oliveira Mendes por trair à família marítima e causador da própria miséria daquela classe, de que se diz delegado.

Os delegados dos Catraeiros de Lisboa apresentam a seguinte questão prévia:

"O Congresso reconhecendo que estão terminados os dias marcados para o funcionamento do mesmo, resolve prolongar as sessões pelos dias indispensáveis para apreciar todos os trabalhos do Congresso."

António Ferreira Laberca defende, com grande copia de argumentos, os interesses da construção naval do rio Douro.

Entre Manuel Paulo dos Santos, José de Almeida, Eduardo Aguiar e outros estabelece-se um interessante diálogo, tro-

Interesses de classe

Apelo ao operariado municipal

Camaradas! Constatando que ainda há pouco apela para a consciência de todos a fim de apreciarem um artigo publicado na Batalha, respeitante à unificação de todos os operários, decorrido algum tempo volto de novo ao assunto no momento em que as forças conservadoras tentam criar uma organização secreta como sejam os somatenes, os quais têm por missão a defesa desses exploradores, não tendo escrúpulos em assassinar em plena praça pública aqueles que têm a audácia de levantar o seu grito de revolta contra as infâmias e violências da actual sociedade. Os operários municipais ao analisarem o momento presente não devem ficar alheios ao enfileiramento ao lado daqueles que desejam uma sociedade mais igualitária; mas para tal é necessário que formem os seus Sindicatos Unicos com as respectivas comissões profissionais, já existente em Lisboa uma comissão para a organização do respectivo sindicato unico local e ainda para organizar os restantes operários de todo o país, que depois de fortemente unidos devem realizar um congresso do qual deverá sair a respectiva federação.

E como o exposto deve ser tomado em consideração, eu apelo mais uma vez para todos os que desejam melhores dias para toda a humanidade, que digam algo do que sentem, lembrando as camaradas que compõem o comité confederal de Coimbra para que não descuram de organizar os operários do município, certos de que todos deitaram mãos à obra e gritarem: Viva a União dos Operários Municipais.

Carlos Costa.
(Operário do município)

A BATALHA NA PROVÍNCIA NOS ARREDORES

Viseu

Enquanto a reacção se instala as autoridades dormem e os livre-pensadores... aguardam

os acontecimentos

VISEU, 23.—Da-se como certo a abertura dum colégio orientado e dirigido por congregantistas, nos primeiros dias de novembro.

Deste colégio, que viverá sob o alto patrocínio da alcaidada Conceição, será director espiritual certo clérigo cujos seraficos feitos se adivinhavam através duma velada notícia inserta no órgão radical citadino.

Inútil será afirmar que os reaccionários locais exultam de contentamento. Será mais um baluarte poderosíssimo que assegurará [mais ainda o seu tempo] predomínio.

E os parabéns às mães e papás das crianças já inscritas chovem de todos os lados. Pudeira!

Em face desta infiltração descarada que attitude assumem as autoridades e os organismos que se intitulam defensores da Liberdade?

As autoridades dormem e os sonos dos inocentes... os componentes dos citados organismos aguardam provas concretas... para depois, quando o mal já não tiver remédio, segrem!

Querem melhor?—C.

SOLIDARIEDADE

Pró-Manuel Ramos

Reunião extraordinariamente a Comissão do Porto, resolvendo adiar a velada social que se devia realizar amanhã, para o dia 2 de Novembro, em virtude de se esperar um camarada do Sul que fará nêsse dia uma Conferência.

Mais resolveu instar com todos os camaradas que têm bilhetes em seu poder a prestar contas até ao dia 30 do corrente. Findo o prazo serão considerados vendidos.

A comissão promotora da festa em homenagem a António Teixeira, convida o S. U. Mobilitário, convida os possuidores de bilhetes da mesma a fazerem a sua liquidação hoje, a fim de poder-se fechar as respectivas contas e apresentar o seu relatório.

A comissão de Lisboa recebeu mais as seguintes quantias: Secção Profissional dos Estuadores, 21\$00; Secção da C. C. de Belem, 19\$00; Quele em Santa Bárbara de Nexe, pela Associação C. C., 30\$50; Quele na casa Verol, 6\$00; Quele numa obra na rua da Trindade, João Jorge, 55\$25; Quele na Morgue, José Martins, 15\$50; Abel Pereira Araújo, 5\$00.

Toda a correspondência deve ser dirigida para Félix António Fernandes, Calçada do Combro, 38-A, 2.º.

Festa de solidariedade

E' hoje que se realiza no Salão da Festa da Construção Civil, pelas 21 horas, a festa dedicada ao camarada Eliseu Correia Gomes, promovida pela secção profissional dos carpinteiros e em que será levada à scena o drama A greve.

Na Associação do Registo Civil

E' hoje que, pelas 20 horas, na sede desta associação, se realiza a prova dos alunos da aula de música que nela funciona sob a regência do professor André Paredes, fazendo o dr. sr. Magalhães Lima uma conferência sobre instrução e educação.

A entrada é pública.

Saudações

A assembleia geral da Associação dos Chaufeurs do Sul, aprovou por unanimidade um saluário às classes marítimas e fluviais pela realização do seu III Congresso corporativo, resolvendo todavia publicar esta saudação por intermédio de A. Batalha e enviar um ofício à respectiva Federação nesse sentido.

O REGENTE

Terça-feira, 28

Inauguração da época de inverno de 1924-1925 com a «reprise» do célebre original de MARCELINO DE MESQUITA

O REGENTE

No camaroteiro deste teatro continua a fazer-se a assinatura livre para 8 réditas com 4 originaes portugueses e 4 reposições

HOJE

ULTIMO SABADO

AMANHÃ: ULTIMO DOMINGO

da célebre peça

OS MINEIROS

O adeus da bela peça

A CAUSA CELEBRE

Da 1 de Novembro a peça militar

A CAUSA CELEBRE

Muitos invalidos da grande guerra estão lutando com a miséria e a doença

Invocando-se os altos interesses da pátria dezenas de milhares de homens foram arrancados ao trabalho e atirados para a luta fratricida nos campos da Flandres e nas plagas africanas.

Muitos tentaram ficar por lá a lutar, por forma de dedicação aos seus irmãos, terra que lhes servia de pátria e dos que voltaram apenas uma minoria conseguiu que o Estado lhes concedesse uma reforma com que viesse tendo a sua miséria.

A maioria, a grande maioria, tendo partido sa e robusta, regressou debilitada pelas inclemências da guerra e muitos estão hoje corroidos pela tuberculose, outros pagaram já com a vida a sua dedicação pela pátria vitimados pela terrível enfermidade.

Em Agosto o Parlamento aprovou uma verba de 1.000 contos para reforçar a já votada, a fim de se socorrer os indivíduos que, não tendo sido abrangidos pela lei em vigor, estavam impossibilitados para trabalho em virtude de doenças contralidas em campanha. Em 18 de Setembro foi publicado o decreto 10.099 regularizando as condições em que os indivíduos excluídos da lei podiam requerer a reforma.

A pesar destas providências aqueles indivíduos continuam sem ver dinheiro suportando pacientemente a fome e pacientemente aguardando que seja constituída a junta de que fala o citado decreto.

Várias comissões têm procurado o Ministério da Guerra mas os Vieses da Rocha respondem, segundo nos afirmam, por forma de dedicação e até insultando, como aconteceu ao 2.º sargento do serviço de saúde António Lopes Duarte, de cuja doença contralida no C. E. P. duvidam, mas que faleceu na pretérita segunda-feira no hospital militar da Estrela, para o que muito contribuiu a miséria em que vivia por estar percebendo um vencimento de reforma que lhe não chegava para manter-se e a família.

Um grupo de estropeados da guerra que nos procurou e relatou estes factos pede-nos que façamos as seguintes perguntas: Por que se não deu ainda a aplicação à verba de 1.000 contos apro-

vação no parlamento, avisando-se os interessados para requererem a junta de que trata o artigo 29.º do decreto 10.099?

Os grandes sacrificados Um diário francês recebeu dum leitor a seguinte carta: "Sou mutilado da guerra e pai de seis filhos, dos quais o mais velho tem 7 anos. Dei ao país seis anos da minha vida, a minha saúde e o meu agudo durante a guerra. Além disso trago mais do que os outros franceses e o nosso trabalho de cada dia.

A minha mulher recebeu felicitações e medalhas, mas, como resultado final, eis que querem expulsar-me da casa que habitamos há quinze anos, porque a proprietária, que não tem filhos, pretende instalá-la ali. Ora ela já tinha uma casa onde morava, além de mais duas que tem alugadas.

E' esta a recompensa de tantos sacrificios? Não valia mais, que em vez de se fazerem tantas festas aos mortos da guerra, se ocupassem um pouco mais daqueles que, por milagre, voltaram da guerra e que na paz continuam a ser os grandes sacrificados? Não pedimos coisas impossíveis, só queremos justiça.

Defendemos a propriedade em 1914 e a propriedade estrangeiros. Os que mandam dizem-nos: façam filhos e a França renascerá. Mas quando os filhos aparecem deitam-nos para a rua. Perdão-se aos criminosos e condenam-se os inocentes.

Será então necessário que nos revoltemos para fazer compreender aos mandantes o que é a simples evidência? O inverno está à porta, isto é, a fome para os filhos, e ainda mais, para mim, pois tenho os pulmões arduados.

Como se vê, por lá... como por cá. Os grandes sacrificados, os mutilados da guerra foram deixados à margem e ninguém mais pensa neles. Por cá também os vítimas da carnificina estão numa situação miserável.

Será, pois, necessário (como diz o signatário da carta acima) que eles se rezellem para que esses mandantes reconheçam se comprometem numa cr-

COLISEU DOS RECREIOS

Hoje - A's 21 (9 da noite) - Hoje

O melhor e mais variado espectáculo de Lisboa

Incomparável e extraordinário êxito da GRANDE COMPANHIA DE CIRCO

As maiores celebridades artísticas do mundo -

General 3\$00 - Fauteuils desde 8\$00

Amãhã, domingo, amãhã GRANDIOSA MATINEE

BILHETES A VENDA

Um diário francês recebeu dum leitor a seguinte carta:

"Sou mutilado da guerra e pai de seis filhos, dos quais o mais velho tem 7 anos. Dei ao país seis anos da minha vida, a minha saúde e o meu agudo durante a guerra. Além disso trago mais do que os outros franceses e o nosso trabalho de cada dia.

A minha mulher recebeu felicitações e medalhas, mas, como resultado final, eis que querem expulsar-me da casa que habitamos há quinze anos, porque a proprietária, que não tem filhos, pretende instalá-la ali. Ora ela já tinha uma casa onde morava, além de mais duas que tem alugadas.

E' esta a recompensa de tantos sacrificios? Não valia mais, que em vez de se fazerem tantas festas aos mortos da guerra, se ocupassem um pouco mais daqueles que, por milagre, voltaram da guerra e que na paz continuam a ser os grandes sacrificados? Não pedimos coisas impossíveis, só queremos justiça.

Defendemos a propriedade em 1914 e a propriedade estrangeiros. Os que mandam dizem-nos: façam filhos e a França renascerá. Mas quando os filhos aparecem deitam-nos para a rua. Perdão-se aos criminosos e condenam-se os inocentes.

Será então necessário que nos revoltemos para fazer compreender aos mandantes o que é a simples evidência? O inverno está à porta, isto é, a fome para os filhos, e ainda mais, para mim, pois tenho os pulmões arduados.

Como se vê, por lá... como por cá. Os grandes sacrificados, os mutilados da guerra foram deixados à margem e ninguém mais pensa neles. Por cá também os vítimas da carnificina estão numa situação miserável.

Será, pois, necessário (como diz o signatário da carta acima) que eles se rezellem para que esses mandantes reconheçam se comprometem numa cr-

SOCIEDADES DE RECREIO

Federação Distrital.—A comissão organizadora, apreciando o regulamento das sociedades de recreio elaborado por uma comissão nomeada pelo governador civil, reconhece que é de atender as reclamações das suas representadas.

Para cumprimento do novo regulamento, deliberou pôr à disposição das sociedades de recreio as "Formulas de requerimento e mais documentos a apresentar ao governador civil, a fim de legitimar a situação destas colectividades fórmulas estas que podem ser requisitadas à comissão que funciona na sede da Academia Recreativa de Lisboa, rua do Saeiro, 1, 2.º.

SECÇÃO TELEGRAFICA

Federações

CONSTRUÇÃO CIVIL

A CIRCULAÇÃO FIDUCIÁRIA NAS COLÓNIAS

O ministro das colónias vem a público declarar que autorizou o aumento de circulação fiduciária nas colónias, violando a Constituição da República

Em 3 de outubro—vão já uns pares de dias—A Batalha, comentando umas notas oficiais vindas a público, notou que elas visavam a, de uma maneira capciosa, preparar a opinião para aceitar, como boa medida, o aumento de circulação fiduciária nas colónias.

E o comentário foi breve—boa ou má, essa medida não pode ser tomada pelo ministro das colónias, porque o n.º 11 do artigo 26.º da Constituição da República declara ser privativo do Congresso—criar bancos de emissão, regular a emissão de moeda e tribu-la. Dias depois, em 15 do corrente, em A Tarde, um artigo firmado pelo com- petente nome de Pinto de Lima, corrobora-se a razão do nosso reparo, esclarecendo-se inteiramente o assunto. E ilegal—reza o próprio título do artigo—o pretendido aumento de circulação fiduciária nas colónias. E, neste artigo, lembrou-se ao ministro que violar a Constituição é um crime, se- gundo o n.º 2.º do artigo 55.º da mes- ma Constituição, e que a Lei n.º 286 coloca esta espécie de criminosos sob a alçada do Código Penal.

Confirmou-se o que havíamos pre- visto, e quinta-feira 22 o ministro das colónias explica, através de O Século, as razões que o levam a permitir o aumento do papel-moeda destinado ao Ultramar.

Confirma-se o que havíamos pre- visto, embora nunca, é justo confessá- lo, nos tivesse passado pela mente que seria o próprio ministro das colónias que viesse a público gritar, através do por- to-voz de um jornal de grande circulação como O Século, que havia praticado um crime. E a longa gritaria, esfaífo artigo de duas compactas colunas, recheado de citações legais, que remeta com uma ministerial graça sobre o Código Penal, tem tal sabor, tal tom, que mais parece lição mal aprendida do que alegação própria.

Mas refere o artigo vária legislação, e a esse ponto, de momento, me cinto. Cita-se a lei n.º 278 de 15 de agosto de 1914, que na base 24.ª diz:

—Cada colónia regula a sua circula- ção monetária e fiduciária, depen- dendo, porém, as respectivas resolu- ções do voto afirmativo do Conselho do Governo e da aprovação da me- trópole.

Cita-se o decreto n.º 4.627, de 1 de julho de 1918, que na base 24.ª do ar- tigo 7.º determina:

—A circulação monetária e fiduciá- ria da colónia será regulada pelo go- verno de metrópole.

Cita-se o decreto n.º 5.779, de 10 de maio de 1919, que no seu artigo 10.º dispõe:

—E' declarada em vigor a base 24.ª do art. 7.º do decreto n.º 4.627, de 1 de julho de 1918, pelo qual a circula- ção monetária e fiduciária das colónias é regulada pelo governo da me- trópole.

Cita-se a lei n.º 1.005 que aprovou o novo texto do Título V da Constituição da República que no artigo 67.ª, alínea d), declara serem da exclusiva compe- tência do Congresso da República os diplo- mas que abraçam:

—Autorizações de empréstimos ou outros contratos que exijam caução ou garantias.

E, como o leitor verifica, nenhuma das disposições legais citadas na en- trada que o ministro das Colónias, Al- varo Bulhão Pato, fez publicar em O Século, justifica a medida tomada, pode servir para fundamentar o que nenhum fundamento tem—ser prerrogativa do poder executivo ou de um dos seus membros, aumentar a circulação fiduciária das colónias.

E, note o leitor, que nem a expressão —governo da metrópole se traduz, na única acepção em que, nas disposições citadas, se pode aceitar o seu impróprio emprego, o poder executivo, mas o conjunto dos poderes do Estado, nem tem pouco um decreto pode revogar a Constituição.

Só o Congresso da República tem po-

deres, em determinados limites, para modificar a Constituição.

—A Constituição da República Portu- guesa seria revista de dez em dez anos, a contar da promulgação desta e, para esse efeito, terá poderes constituintes o Congresso cujo mandato abraçar a época da revisão—é a letra do arti- go 82 da Constituição.

O que a citada legislação determina é que as colónias não têm a liberdade de modificar, regular, alterar, a sua circula- ção monetária e fiduciária. Nem mes- mo a iniciativa de o propor, que a lei 278 lhes concede, hoje lhes resta.

Não há, não pode haver, num caso destes, duas interpretações. Um decre- to, mesmo uma lei, não podem modifi- car, não podem alterar, não podem re- vogar a lei fundamental de um país—a sua Constituição.

A Constituição da República é o ali- cere, o fundamento da nossa actual or- ganização política, não pode ser modifi- cada, não pode ser alterada por um simples decreto.

O ministro das colónias, Alvaro Bulhão Pato, veio ao O Século levanta- mento papaguear o recado que lhe en- sinaram, com aquela ingenua inconsi- ciência com que um papagaio profere obscenidades.

Um ministro constitucional, nem mes- mo usando o apelido Pato, deveria ter o impulso de vir gritar em público, através do porta-voz de um jornal de grande circulação, que o seu arbitrio havia revogado aquele diploma em que se funda o seu poder. E não deveria tê- lo feito, sorrindo, gracioso. Se não por respeito à lei, ao menos por res- peito de si próprio, e pelo respeito que deve ao alto cargo que ocupa.

Em toda a parte e aqui em Portugal também—e não sou, nem me julgo ve- lho—ainda em minha vida foi diferente. Aqui em Portugal dantes também os que cometiam um abuso, praticavam um crime, não se gabavam em público, nem vinham a público dizer graças so- bre o Código Penal. Silenciavam-se, pelo menos, as aparências.

Hoje tudo está mudado. Também dantes as zoologias ensina- vam que os patos eram palmípedes, mas este pato, pela alacria desenvoltura, mais parece um daqueles passáros lizi- dos e canoros de que os aldeões con- tam as manhas astutas e as gargalhadas escarinhadas.

E dantes, quando eu era garoto—e não sou velho ainda—e via lá, às vezes, pelos campos da minha terra e junto dum sebo, ou ao cruzar um sil- vado, me surpreendia um rápido suspi- rar de azas, e depois, já longe ouvia vibrar a gargalhada estridente, jovial, no meu coração moço, ao recordar os sorrisos dos aldeões quando contavam as ma- nhosas e estultas espertezas dos melros, nascia o desejo de gritar—Melro! cui- dado com as rateiras.

Hoje, e eu não sou velho, as coisas mudaram muito, e eu também mudei. Hoje, não se salvam as aparências—este pato não é palmípede, e batido pelas decepções, o meu coração em- peeneceu-se.

Leitor! se a vida lhe não endureceu a sensibilidade, se tem um coração moço, vá ali ao Terreiro do Paço, e grite a esse pato, que, pelo visto, é um melro: —Pato, Lisboa não é Lourenço Mar- ques, quem escapa dum pato ser apa- nhado noutra, não se ria do Código Penal, cuidado com as rateiras!

Que, e não sou velho, já tenho visto tanta mudança!

—Se nem os patos já são palmípe- des...

Da CUNHA.

Dentes artificiais

a 25000—Obturações

a 25000—Extracções sem

do a 15000

Das 11 às 13 no consultório de

MARIO MACHADO

da Escola Dentaria de Paris

Chiado, 74, 1.º Tel. C. 418

TEATROS & CINEMAS

Teatro Apolo

Irene Gomes em «Os Mineiros»

Como é sabido, o papel de «Cesária» da peça de D'Almeida, «Os Mineiros», que com tanto agrado e concorrência se está representando no Apolo, e a que já nos referimos por ocasião da sua ré- cit inaugural, estava entregue à actriz Amélia Trajano, a cujo trabalho fize- mos menção também.

Desavenças surgidas entre essa ar- tista e a empresa do teatro, fizeram com que esse papel que é, pode dizer-se, o mais interessante do drama, fosse dis- tribuído a Irene Gomes.

O nosso dever de cronista teatral im- punha-nos a volta ao Apolo, não com o fim, evidentemente, de fazer confron- tos, mas tão somente para registarmos a impressão deixada pelo trabalho da nova protagonista. Irene Gomes é uma comedianta cheia de interesse, não só pelos requisitos que possui para a scena, mas ainda pela sua sugestiva figura de mulher, que neste caso de «Os Minei- ros» não é elemento para desprezar, dada a intenção humana da peça e a gubidone natural dos olhos, nunca re- fractários em aceitar tudo o que possa conseguir a aliança do bem e do bem.

A interpretação de Irene Gomes é uma interpretação que se prende à ex- pressão dos seus olhos e do seu tipo in- sinuante. Na sua mocidade reflecte-se bem o amor da sua profissão árdua e a veemência do seu ideal. E, quando a sua boca se abre para pronunciar pa- lavras de condenação para esta misé- ria estrutura social, o descerre fresco dos seus lábios torna aspectos dum estran- ha ira, que radica no personagem ainda mais a convicção da doutrina que com tanto entusiasmo defende.

Sem querermos entrar, porque não temos o direito de o fazer, nas razões das desavenças surgidas entre os em- presários e os artistas, e sem que nos sa- mos tomados à conta de desprimo- mos, não hesitamos em afirmar que «há males que vêm por bem».

Nogueira de BRITO

«Os mineiros» no Apolo

E' hoje o último sábado em que vai a scena no teatro Apolo a famosa peça «Os mineiros» que tanto e tem extror- dinário sucesso tem obtido naquele teatro desde o seu magnifico desempenho e do seu admirável entrecos.

Noticias

A empresa do Teatro Apolo con- traio para a época de inverno a actriz Lúlia de Vasconcelos que fará a sua estreia na peça militar francesa «Uma causa célebre».

—Hoje repete-se no Eden, «O Bolo Rei», que constitui um espectáculo ex- plêndido sob todos os pontos de vista.

Recímenes

Não é de admirar a preferência dada pelo público ao Coliseu dos Recreios que continua a ser, como sempre foi, a casa de espectáculos mais concorrida e mais económica de Lisboa. A manha, como de costume, realizou-se há uma grandiosa «matinée» estando desde ho- je os bilhetes à venda.

Letras

Que grupo de gráficos do «Anuário Commercial (10.ª edição)»...

Associação de Classe dos Chautfeurs do Sul de Portugal

A Comissão de Defesa e Melhoramen- tos avisa a classe que todos os dias úteis das 21 às 23 horas se encontra na sede um seu componente para atender reclamações e prestar informações.

A Comissão de De- eza e Melhoramentos

Gerente-chefe de Escritório ou Guarda-livros

Indivíduo com longa prática com- ercial e largos conhecimentos de escri- turação e contabilidade, oferece-se para qualquer destes lugares, ou aceita mesmo simples montagens de escri- tas—seguintes e fechados. Das informações e referências.

Carla a esta Redacção.

—Agora, senhora, queira assinar.

Merofledes pegou na pena e escreveu por baixo da epistola: Merofledes, abadesa de Meriadek. Depois do que, acrescentou com um sardónico sorriso:

—O bispo de Nantes é homem hábil e saberá dar valor à coisa; daqui a cem anos ainda se falará no prodígio insigne que protegeu as virgens do convento de Meriadek...

—Há todavia um meio, senhora, de se livrar des- sas angústias... Esse meio, já eu lho propuz...

—Toma cuidado! a tua vida responde-me pela sua!

—Mas quais são os seus desígnios?

—Sei-o ou porventura?... Ora desejo fazer-lhe so- frer mil mortes, ora cair a seus pés e pedir-lhe per- dão... Ora... mas, o que te disse que estou louca, louca!

E a abadesa estorceu-se, bramindo no leito, mor- dendo as almofadas ou rasgando-se com as unhas e com uma espécie de fúria selvagem; depois, erguen- do-se repentinamente, com os olhos húmidos de lágrimas e brilhantes de paixão, disse a Ricariko:

—Onde está a chave da prisão de Bertoaldo?

—Está aqui, respondeu o administrador mostrando muitas chaves que tinha penduradas à cintura.

—Dá-me depressa essa chave.

—Aqui está, disse o administrador tirando do mo- lho uma grossa chave de ferro. Merofledes pegou na chave, olhou para ela em silêncio, e ficou alguns in- stantes pensativa.

—Senhora, continuou Ricariko, eu vou ordenar a partida do mensageiro, que espera a sua carta para o bispo de Nantes.

Donativos para a compra de material tipográfico

Transporte, 24,38598; Libório de Oli- veira, 2550; Raúl Silva, 1500; Domingos Avelino, 1500; António Dias, 1500; José de- creito, 1500; Os choros, 10500; Al- reço e Luiza, 5500; Costa Vaz, 5500; mensil, 5500; Francisco Miguel Aze- do, 3500; Inácio Marques (ota semanal), 1520; Cândido Escalera U. S. A., 86500; Manuel dos Santos, 2550; Associação dos Chauffeurs do Porto, 20500; Joa- quim Pereira Faria, 5500; Anibal Rel- vas, 1500; Jacinto Correia, 1500; José de Sousa, 1500; Sindicato do Pessoal das Fábricas de Conservas de Portimão, 100500; José Augusto de Castro, 5550; Gonçalves Pereira, 36500; Manuel Leal, 6500; José da Silva, 1500; António dos Santos, 1500; Quete aberta no S. U. Mobilitário Secção de Artigos de Viagem, 19550; Joaquim Romão, 1500; A. Costa & Silva, 5500; Henrique António Barreto, 5500; R. A., 5500; Joaquim Dias Mateus, 2500; F. B. M., 100500; Pedro Durana, 1500; L. Esteves, 250; Alexandre Soares Azevedo, 6500; Alexandre Marques, 2550; Inácio Marques (ota semanal), 1520; José Patrício Amaro, 2500.

Lista dos subscritores, pró-A Batalha. —Manuel A. Ferreira, \$1.00; Jaime Luis, 1.00; Adamastor Ribeiro, 1.00; Gaspar Homem, 1.00; José Pedro, 1.50; Manuel Abreu, 1.00; Adelino H. Santos, 1.00; Manuel Ribeiro, 1.00; Faustino Ferreira, 50; António F. Casal, 50; José M. Fer- reira, 50; José Pereira, 50; Pompeu Vi- tória, 50; António P. Pinho, 25; Norberto Tenreiro, 50; Manuel Claro, 25; Joaquim J. Ferreira, 25; Manuel Custó- dio, 1.25; José Cabral, 25; Manuel Mi- guel, 50; Alfredo P. dos Santos, 25; Manuel Miguel, 25; Silvestre Moura, 25; Albano Barreto, 25; Franklin Amaro, 25; José M. Luis, 50; Manuel Anastácio, 25; Armando Bernardo, 25; Manuel V. Gomes, 25; Manuel Dias, 50; Manuel Silva, 25; Alfredo Moreira, 25; Manuel Morgado, 25; Humberto Malaguti, 25; Augusto Ventura, 50; João Furtado, 10; Nicolau Monteiro, 50; Manuel Lopes, 25; Carlos Carvalho, 50; Quintino Sil- va, 25; José Maria Silva, 25; José Hen- rique, 25; Manuel Rendeiro, 25; Um Anónimo, 25; João Câmara, 10; José Abreu, 25; Alberto Frade, 25; António Simões, 25; Manuel Resendes, 25; António Baptista, 50; Alfredo Costa, 25; António Vieira, 10; Manuel Duarte, 10; Manuel Esteves, 25; João S. Neves, 30; João Alves, 25; Gil Caldeira, 50; João Lopes, 50; Eduardo L. Macedo, 50; An- tónio Lima, 25; Manuel Agostinho Jân- nio, 25; Manuel Pereira, 25; António Baltazar, 25; Alvaro Bernardo, 25; An- tónio Fonseca, 25; Júlio S. Coelho, 25; Manuel Afonso, 25; José Carreira, 25; Manuel Almeida, 25; Casimiro Santo Amaro, 25; Manuel R. Lopes, 50; Joa- quim Silva, 10; Amadeu Fernandes, 50; João Carvalho, 50; José Correia, 25; Cosme Silva, 25; Serafim Torres, 1.00; Francisco M. Carvalho, 25; Francisco L. Tavares, 1.00; Ernesto Alves (canteiro), 50; Adelino Santos, 50; Casimiro J. Sin- tos, 50; Manuel P. Santos, 50; José H. Nogueira, 25; total, 36.00. Que ao câmbio do dia rendeu, 878.84.

Quete aberta no Bairro—João da Cruz, 4550; Elvira Vieira da Costa, 2550; Armando Rodrigues, 3550; Jerónimo Rodrigues, 3550; Domingos (Gaitero), 1500; Um enfermeiro, 2550; Manuel D. Marques, 3550; Joana Marques, 1550; Joana do Rosário, 1550. Soma 22555.

Quete aberta em Tortozendo: António Molêdo, 2500; Vicente Barbosa, 2500; Profirio Moreira, 2500; Domingos do Santo, 2500; Francisco P. Amaral, 2500; José J. Praça, 2500; José Baral Nunes, 2550; António Barata, 2550. Soma 17500.

Quete aberta em Sines: Francisco Vareiro, 2550; Emilio Ferreira, 2550; José Marreiros, 1550; Alfredo José Mar- tins, 1550; António Carqueijal, 1500; Francisco Estalano, 1500; António Bê- tes, 1550; Agostinho dos Santos, 1550; José Louzer, 1500; Jacinto M. Nunes, 1500; Paulo da Silva, 1500; José Papa, 1500; Augusto Martins, 1500; João N. Rodrigues, 1500; Gregório do O. 1500; Vitorino Pereira, 1500; Manuel Sebastião, 1500; Daniel Torres, 1500; Manuel Salgado, 1500; Manuel Porfírio, 1500; Eduardo Alexandre, 1500; Jacinto Alex- andre, 1500; José Primo, 1500; Joaquim Venturinha, 1500; Jacinto Bêtes, 1500; José Maria Ferreira, 5500; Simão da Silva, 1500; Caetano Fanchão, 1500; José Júlio, 1550; José da Silva Azevedo, 1500; António José da Silva, 2550; António

Casimiro, 1500; Manuel Caetano, 1550; José Francisco da Silva, 2500; José Quintas, 1500; António Guerreiro, 1500; M- nuel Joaquim, 2500; Joaquim Nogueira, 1500; Severiano Correia, 2550.

Manuel Besugo, 1500; Joaquim Ban- darras, 1500; Manuel Pablo, 1500; Ma- nuel do Barreiro, 10500; Henrique Ba- tista, 1500; José Augusto, 1500; Hugo Supias, 1500; Francisco Inácio, 1500; Francisco Barreiro, 1000; Joaquim Ri- cardo, 1500; Francisco Albano, 1500; José da Embalina, 1500; Clemente Tejo, 550; João Salgado, 550; José Maria, 550; Francisco Leitão, 550; Casimiro Salva- dor, 550; António Pica, 550; Mano An- tonio, 550; Francisco da Silva, 1500; José Souza, 1500; Domingos Souza, 1500; Heráclio dos Santos, 1500; Afonso Car- dita, 1500; António Francisco, 1500; Francisco Henrique, 1500; Albino Costa, 1500; Augusto Rato, 1500; António Bo- telho, 1550; José Pedro, 10500; Tomás Argent Guerreiro, 2550; Manuel Páci- do, 2550; José dos Santos Júnior, 1500; Clotilde Argent Guerreiro, 550; Arlete Argent Guerreiro, 2550; Jaime Martins, 1500; José Cabanillas, 1500; Albrique da Silva, 1500; Silvestre Carapinha, 1500; José de Budas, 2500; José Custódio Pe- dro, 2500; Floriano Marreiros, 1500; B- nevencuto Guerreiro, 1500; José Alex- andre, 1500; Manuel Parreira, 1500; José Tomé, 1500; Deolindo dos Santos, 1500; Abel Carriho, 1500; Ludgero Prata, 1500; João Torres, 1500; José Al- ves Rocha, 2550. —Soma, 125550.

Quete aberta em Reims (em fran- cês): Alberto Barbosa, 15; Joaquim Fer- reira da Silva, 10; Américo Farinha, 10; António Rodrigues, 5; António José Cardoso, 5; António Vilas, 10; Manuel de Oliveira, 5; Joaquim Oliveira Maia, 10; José Farinha, 10; Albino Teintias, 2; D- lfm Gonçalves dos Santos, 5; José Moreira da Silva, 10; Aurelia da Costa Montinho, 2; José Neto de Carvalho, 5; Domingos Rodrigues, 2; António de Abreu, 2; David Duarte, 5; Américo Lo- pez, 2; Manuel da Silva Gomes, 15; An- tónio da Silva Araújo, 5; Total 125; re- cebemos 150 francos que ao câmbio rendeu 228500.

Quetes entre os Rurais de Monte- mor—Novo: Abel dos Santos, 1550; Domingos António Barrada, 550; José Vieira, 550; Manuel Abrantes, 1500; Simão José Lugarto, 1500; Francisco Pe- reira, 1500; César Candeias, 1500; Fran- cisco Abrantes, 350; Alvaro David, 1500; Jílio A. Palmas, 1500; Vicente António Remedinho, 1550; Total, 13840.

Quete aberta na Associação dos Cal- xeiros: José Córvo, 1500; Alberto Pru- ma, 1500; João Silva, 1500; Diamantino Martins Costa, 1500; João Augusto da Silva Nunes, 1500; Nuno Assunção, 1500; Domingos Soares, 1500; Carlos Mar- ques, 1500; Abílio Ribeiro, 1500; Pere- ra, 1500; Faleiro, 1500; Jacinto Faria Ri- beiro, 1500; Simão Viegas Correa, 1500; Alvaro Guerreiro, 1500; António Mac- cado, 1500; F. Rodrigues Loureiro, 1500; António Comolado, 1500; Joaquim Le- mos, 1500; Joaquim, 1500; Tomás, 1500; A. Sérgio, 1500; Alfredo de Azevedo, 2550; J. Marques, 1500; Pinto, 1500; A. V., 1500; David Niva, 1500; Total, 27550.

Quete aberta no Bairro—João da Cruz, 4550; Elvira Vieira da Costa, 2550; Armando Rodrigues, 3550; Jerónimo Rodrigues, 3550; Domingos (Gaitero), 1500; Um enfermeiro, 2550; Manuel D. Marques, 3550; Joana Marques, 1550; Joana do Rosário, 1550. Soma 22555.

Quete aberta em Tortozendo: António Molêdo, 2500; Vicente Barbosa, 2500; Profirio Moreira, 2500; Domingos do Santo, 2500; Francisco P. Amaral, 2500; José J. Praça, 2500; José Baral Nunes, 2550; António Barata, 2550. Soma 17500.

Quete aberta em Sines: Francisco Vareiro, 2550; Emilio Ferreira, 2550; José Marreiros, 1550; Alfredo José Mar- tins, 1550; António Carqueijal, 1500; Francisco Estalano, 1500; António Bê- tes, 1550; Agostinho dos Santos, 1550; José Louzer, 1500; Jacinto M. Nunes, 1500; Paulo da Silva, 1500; José Papa, 1500; Augusto Martins, 1500; João N. Rodrigues, 1500; Gregório do O. 1500; Vitorino Pereira, 1500; Manuel Sebastião, 1500; Daniel Torres, 1500; Manuel Salgado, 1500; Manuel Porfírio, 1500; Eduardo Alexandre, 1500; Jacinto Alex- andre, 1500; José Primo, 1500; Joaquim Venturinha, 1500; Jacinto Bêtes, 1500; José Maria Ferreira, 5500; Simão da Silva, 1500; Caetano Fanchão, 1500; José Júlio, 1550; José da Silva Azevedo, 1500; António José da Silva, 2550; António

Casimiro, 1500; Manuel Caetano, 1550; José Francisco da Silva, 2500; José Quintas, 1500; António Guerreiro, 1500; M- nuel Joaquim, 2500; Joaquim Nogueira, 1500; Severiano Correia, 2550.

Manuel Besugo, 1500; Joaquim Ban- darras, 1500; Manuel Pablo, 1500; Ma- nuel do Barreiro, 10500; Henrique Ba- tista, 1500; José Augusto, 1500; Hugo Supias, 1500; Francisco Inácio, 1500; Francisco Barreiro, 1000; Joaquim Ri- cardo, 1500; Francisco Albano, 1500; José da Embalina, 1500; Clemente Tejo, 550; João Salgado, 550; José Maria, 550; Francisco Leitão, 550; Casimiro Salva- dor, 550; António Pica, 550; Mano An- tonio, 550; Francisco da Silva, 1500; José Souza, 1500; Domingos Souza, 1500; Heráclio dos Santos, 1500; Afonso Car- dita, 1500; António Francisco, 1500; Francisco Henrique, 1500; Albino Costa, 1500; Augusto Rato, 1500; António Bo- telho, 1550; José Pedro, 10500; Tomás Argent Guerreiro, 2550; Manuel Páci- do, 2550; José dos Santos Júnior, 1500; Clotilde Argent Guerreiro, 550; Arlete Argent Guerreiro, 2550; Jaime Martins, 1500; José Cabanillas, 1500; Albrique da Silva, 1500; Silvestre Carapinha, 1500; José de Budas, 2500; José Custódio Pe- dro, 2500; Floriano Marreiros, 1500; B- nevencuto Guerreiro, 1500; José Alex- andre, 1500; Manuel Parreira, 1500; José Tomé, 1500; Deolindo dos Santos, 1500; Abel Carriho, 1500; Ludgero Prata, 1500; João Torres, 1500; José Al- ves Rocha, 2550. —Soma, 125550.

Quete aberta em Reims (em fran- cês): Alberto Barbosa, 15; Joaquim Fer- reira da Silva, 10; Américo Farinha, 10; António Rodrigues, 5; António José Cardoso, 5; António Vilas, 10; Manuel de Oliveira, 5; Joaquim Oliveira Maia, 10; José Farinha, 10; Albino Teintias, 2; D- lfm Gonçalves dos Santos, 5; José Moreira da Silva, 10; Aurelia da Costa Montinho, 2; José Neto de Carvalho, 5; Domingos Rodrigues, 2; António de Abreu, 2; David Duarte, 5; Américo Lo- pez, 2; Manuel da Silva Gomes, 15; An- tónio da Silva Araújo, 5; Total 125; re- cebemos 150 francos que ao câmbio rendeu 228500.

Quetes entre os Rurais de Monte- mor—Novo: Abel dos Santos, 1550; Domingos António Barrada, 550; José Vieira, 550; Manuel Abrantes, 1500; Simão José Lugarto, 1500; Francisco Pe- reira, 1500; César Candeias, 1500; Fran- cisco Abrantes, 350; Alvaro David, 1500; Jílio A. Palmas, 1500; Vicente António Remedinho, 1550; Total, 13840.

Quete aberta na Associação dos Cal- xeiros: José Córvo, 1500; Alberto Pru- ma, 1500; João Silva, 1500; Diamantino Martins Costa, 1500; João Augusto da Silva Nunes, 1500; Nuno Assunção, 1500; Domingos Soares, 1500; Carlos Mar- ques, 1500; Abílio Ribeiro, 1500; Pere- ra, 1500; Faleiro, 1500; Jacinto Faria Ri- beiro, 1500; Simão Viegas Correa, 1500; Alvaro Guerreiro, 1500; António Mac- cado, 1500; F. Rodrigues Loureiro, 1500; António Comolado, 1500; Joaquim Le- mos, 1500; Joaquim, 1500; Tomás, 1500; A. Sérgio, 1500; Alfredo de Azevedo, 2550; J. Marques, 1500; Pinto, 1500; A. V., 1500; David Niva, 1500; Total, 27550.

Quete aberta no Bairro—João da Cruz, 4550; Elvira Vieira da Costa, 2550; Armando Rodrigues, 3550; Jerónimo Rodrigues, 3550; Domingos (Gaitero), 1500; Um enfermeiro, 2550; Manuel D. Marques, 3550; Joana Marques, 1550; Joana do Rosário, 1550. Soma 22555.

Quete aberta em Tortozendo: António Molêdo, 2500; Vicente Barbosa, 2500; Profirio Moreira, 2500; Domingos do Santo, 2500; Francisco P. Amaral, 2500; José J. Praça, 2500; José Baral Nunes, 2550; António Barata, 2550. Soma 17500.

Quete aberta em Sines: Francisco Vareiro, 2550; Emilio Ferreira, 2550; José Marreiros, 1550; Alfredo José Mar- tins, 1550; António Carqueijal, 1500; Francisco Estalano, 1500; António Bê- tes, 1550; Agostinho dos Santos, 1550; José Louzer, 1500; Jacinto M. Nunes, 1500; Paulo da Silva, 1500; José Papa, 1500; Augusto Martins, 1500; João N. Rodrigues, 1500; Gregório do O. 1500; Vitorino Pereira, 1500; Manuel Sebastião, 1500; Daniel Torres, 1500; Manuel Salgado, 1500; Manuel Porfírio, 1500; Eduardo Alexandre, 1500; Jacinto Alex- andre, 1500; José Primo, 1500; Joaquim Venturinha, 1500; Jacinto Bêtes, 1500; José Maria Ferreira, 5500; Simão da Silva, 1500; Caetano Fanch

Novo Fanqueiro das Avenidas

NETO & CORREA, Lt.^a

Avenida Casal Ribeiro, 3, 5 e 7—Telefone n.º 2136

ABERTURA DA ESTAÇÃO

Grandes stocks em lãs nacionais e estrangeiras, assim como em artigos de malha para senhoras e crianças. Enormes sortidos em artigos da sua especialidade, como fazendas para casacas, estorques e flanelas, lindos padrões para Robes—Sombrias em seda e em algodão, assim como em chales double face—Cobertores de lã—Veludos finos gostos, etc.

A divisa desta casa é:

GANHAR POUCO PARA VENDER MUITO

Valério, Lopes & Ferreira, L.^a

FERRAGENS E FERRAMENTAS



Metais, entelarias, talhe-
res, louça esmaltada, pa-
ra-ruos, fundos para cal-
ceiras, guarnições para
móveis

Chapa ferro preta
— e zincada —

Chapa de zinco, latão e cobre, antimônio,
balanças, pesos e medidas, cravo para fer-
rador, serras circulares e de fita, etc.

TELE: fono, 3930, M.
gramas, FERRAGENS

84, Rua do Amparo, 86--LISBOA

Fatos completos

Actualmente liquidação de sal-
dos das estações
anteriores para homem

FATOS desde 179\$00

SOBRETUDOS desde 179\$00

IMPERMEAVEIS desde 175\$00

CAPAS ALENTEJANAS desde 199\$00

CALÇAS desde 49\$00

Setins, metro desde 17\$00

Chaves do Conde Barão

170, RUA DA BOA VISTA, 172

IMPORTANTE

SEGURO MARITIMOS

«A MUNDIAL» participa a todos os seus clientes
que celebrou contratos com os mais importantes
resseguradores, ficando assim habilitada a cobrir os
riscos marítimos em condições das mais vantajosas
e dentro da máxima garantia.

Vantagens especiais em apólices fluctuantes.
Dirigir-se à



A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital interdependente realizado, Esc. 500.000\$00—Reservas, Esc. 749.051\$00,9

SEDE EM LISBOA DELEGAÇÃO NO PORTO

Rua Garrett, 95—Tel. 3321 R. Sá da Bandeira, 331, 1.º

CALÇADO

A Sapataria do Calhariz

a 25\$00 grande lote de sapatos
em verniz, abotinados, salto Luis

a 75\$00 botas em calf, preto,
forma da moda, 2 gáspas e 2 so-

las corridas, cujo valor é de 100\$00,

a 30\$00 sapatos de verniz abo-

tinados e c. IX, para senhora, cujo

valor é de 60\$00,

a 55\$00 sapatos de calf, cor da

moda, cujo valor é de 80\$00,

a 59\$50 grande lote de botas, sola.

Desde 6\$00 sapatos para criança

Esta casa, vende botas e botas, muito mais

baratas que qualquer outra casa

33, LARGO DO CALHARIZ, 33

Para conseguir cabeleiras assim



Usa o Óleo de Mão de Uva

Evita a queda dos cabelos promovendo
o seu desenvolvimento, tornando-os bri-
lhantes e flexíveis e evitando a caspa,
50 anos de venda asseguram os seus
bons efeitos —
Frasco 2.200, Para a província 3.200

Perfumaria Mendonça

=) 43, CALÇADA DO COMBRO,
LISBOA

Leiam "O Suplemento de A BATALHA,"

REUMATISMO

Sifilítico, Blenorragico,
Gotoso, Articular, Artri-
tico, Muscular

“Reumatina”
24 horas depois não tem
mais dores

“Reumatina”
E' inofensiva porque não
exige dieta

Preço 8\$00

“Reumatina”
Vende-se em todas as boas
farmácias e drogarias

Pó Anti-blenorrágico

E' o mais poderoso combatente
das blenorragias crônicas ecentes.
Resultados imediatos e compro-
vados pelo distinto médico ope-
rador dr. sr. Cristiano de Moraes.

Caixa 10\$00

Depósito Geral:

A. Costa Coelho

Bom Jardim, 440 — PORTO

A AGENCIA ALMEIDA

Faz grandes descontos a quem for só-
cio ou confederado na C. G. T. ou assi-
nante de A Batalha e suas famílias.
Funerais nos Hospitais, Morgue e par-
ticulares. Translações—cordeas. Preço
muito resumido — por possuir todos os
utensílios. — Telef. 78-Benfica. — R. Al-
ves Correia, 189 (Vulgo São José). —
Empregado a qualquer hora da noite.

CONTADORES

PARA ÁGUA

Artigos de futebol

Bicicletas — acessórios

Chegam novas remessas

Banheiras de ferro esmaltado

Máquinas para coser,

quintalhas e

carbureto de calcio

T. de São Domingo, 28

Pinto Coelho

FÁBRICA

de ladrilhos, mosaicos, azu-

leijos, cimento

GOARMON & C.^a

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19

TELEF. C. 1244—LISBOA

António Fraga, S.^a

Ouvires-Joalheiro

RUA DA PALMA, 6 a 12

Lembro aos meus amigos e fregueses que

continuo vendendo todos os artigos de ou-

vreria e joalheria, por preços com os

quais ninguém pode competir, embora não

sejam tão baratos por eu estar vendendo

em casa.

Confrontem a qualidade dos artigos e

os seus preços, e verão depois como mel-

hor e mais barato vende.

Tenho sempre artigos em 2.ª mão re-
novados com pouco custo.

Não confundir, primeira

casa Fraga, subindo a Rua

da Palma.

Grande baixa de preços da.

“BITUMASTIC”

revestimento muito brilhante para o ferro, ma-
deira e alvenaria, tornando estes materiais ina-
tacáveis pela humidade, gases sulfurosos, acidos,
saes. Insensível às variações de temperatura.

Agentes e depositários: C. Santos. Lt.^a

Rua Nova do Almada, 80, 2.º—LISBOA

Anilinas “Jacobus”

Para tingir em casa

As melhores e de maior confiança

Sabonetes “Jacobus”

O mais fino e económico

sabonete de “toilette”

SABONETES “OPTIMUS”

O mais barato sabonete

de “toilette”

A' venda em todas as drogarias

do país

Depósito geral, só por atacado

Sociedade Produtos Químicos, Lda.

Campo das Cebolas, 43, 1.º — Lisboa

Bacalhau

Quilo—5\$00

7\$90 e 6\$90; açúcar claro, 4\$20 e 4\$40;

feijão, chás, cafés, sabões, azeites, tudo

aos melhores preços. Rua São Nicolau,

43-45. Telefone C. 2433. Entregas aos

domicílios. Acompanhamos sempre a

baixa cambial.

Montadores electricistas

PRECISA-SE que não comprem ma-
terial sem consultar a Iluminante
Avenida Almirante Reis, 6—Telefone
Norte 1323.

A'

grande baixa de calçado

só com o lucro de 10 %

NA SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora . . . 30\$00

Sapatos em verniz . . . 38\$00

Botas pretas, (grande salto) . . . 48\$50

Botas brancas, (salto) . . . 48\$50

Grande salto de botas pretas . . . 58\$50

Botas de cor para homem . . . 46\$50

Não confundir a SOCIAL OPE-

RARIA com outra casa.

Ver bem, pois só lá se encontra bom

e barato.

A SOCIAL OPERARIA é na rua

dos Cavaleiros, 18-20, com filial

na mesma rua n.º 62.

Companhia dos Caminhos de Ferro

Portugueses

DIRECÇÃO GERAL

Concurso para admissão de prati-
cantes de escritório dos Ser-
viços Centrais

Até 18 de Novembro p. f. está aberto
concurso para admissão de praticantes
de escritório dos Serviços Centrais des-
ta Companhia.

O programa do concurso e demais
condições estão patentes na Secretaria
da Direcção Geral (edifício da estação
de Santa Apolónia) todos os dias úteis,
das 10 às 13 e das 14 às 16 horas.

Lisboa, 18 de Outubro de 1924. — O
Director Geral da Companhia, Ferreira
de Mesquita.

Papel “Águia de Ouro”

E' o melhor papel de fumar

para os trabalhadores

Excelente apresentação, em

livrinhos de 120 folhas

PEDIR EM TODA A PARTE

Aos marceneiros

Por motivo de balanço

Guarnição 2 filetes e gaveto

freijó \$70

Guarnição grado \$95

soco \$90

2 filetes e gaveto

desde \$60

Cimelha em freijó e pinho

desde 1\$00

Lix-papel, dúzia 3\$00

Fundo para cadeiras 10 opo de desconto

Ferragens para móveis, idem

Campo dos Mártires da Pátria, 68

J. FERREIRA

PURGAÇÕES

= E =

PROSTATITES

Curam-se radicalmente na Far-

mácia Ultramarina — Rua de São

Paulo, 101. Purgações, 4 dias. Pro-

statites, 21 dias. Antigos ou recentes

curam-se sempre.

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelheiros

Grande sortimento em chapéus, lisos

e mesclas em cores lindíssimas,

formatos dos mais famosos fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole,

novo modelo americano,

muito elegante,

só na Cooperativa

A SOCIAL

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Séde: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.º Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A

2.º Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29

3.º Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegro, 56, 58

Fábrica de bonets

Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

MOVEIS E ESTOFOS

FREDERICO FERREIRA

ESTOFADOR e DECORADOR PROFISSIONAL

Mobiliás de casa de jantar, quarto, sala e es-

critório. Encarrega-se de todo o trabalho

concernente à sua arte, pelo sistema inglês,

assim como olear e ornamentar casas completas

Antigo fabricante de MAPLES em todos os géneros

Rua Passos Manuel, 41 e 43 — Telef. N. 1359

Pedras para

isqueiros

A melhor marca do mercado

—Redondas ou em prancha—

Fornecidas aos quilos ou em

envelopes com 100 ou

em tubos de vidro

Pedidos ao importador:

J. V. Oliveira Júnior

Rua da Prata, 178, 1.º

Electricistas

montadores

Não comprem material eléctrico

sem ver os pretos porque vende

A. Pedro dos Santos

Rua dos Douradores, 177

PEDRO KRAPOTKINE

O Estado

E O SEU

papel histórico

Brochura com 120 páginas ao preço de

1\$30 pelo correio 1\$70. Pedidos

à administração da BATALHA

Trabalhadores: Sede A BATALHA

Sêlo pró-“A Batalha”

Interessantes e artísticos sêlos, impressos a 2 côres, que A Batalha

editou para serem afixados nos lugares públicos, correspondência, etc.

MODÉLOS JA PUBLICADOS



Carta com 100 sêlos, 1\$00

Conselho Técnico da Construção Civil

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que
digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, repa-
rações, limpezas,